

Lendas e Histórias da Nossa Terra



Nesta edição

2 — Editorial

3 e 4 — Lima Barreto
Jason Tércio

5 e 6 — Sexualidade e a Moda Portuguesa
Paulo Bertran

7 e 8 — Mito Indígena
Manoel Rodrigues

9, 10 e 11 — Formoso de Minas
Xico Mendes

12 — Música Popular
Renato Vivacqua

13 e 14 — A Elite Dirigente
Corsino Medeiros

15 e 16 — Canudos
Cyl Gallindo

17 — Poesias

18 — Literatura
Orlando Tejo

19 — Cartas

20 — Contracapa

O Mito indígena da Lagoa Dourada e as Bandeiras do Brasil Central

Manoel Rodrigues

O 2º descobrimento do Brasil: O interior, pelos Bandeirantes de S. Paulo

O relato que se segue é resumo do livro inédito "A Lagoa Dourada", escrito exclusivamente com documentos, pelo historiador das Bandeiras, Manoel Rodrigues Ferreira.

Logo após o descobrimento, os indígenas da América do Sul informavam aos portugueses e espanhóis, sobre uma grande e riquíssima Lagoa existente no Interior; além de ouro e prata ela continha também pedras preciosas, principalmente esmeraldas. Junto à Lagoa existia também uma cidade muito rica. Na referida Lagoa nasciam os três grandes rios: Paraguai (da Prata), São Francisco e Paraupava (hoje Rio Araguaia). Para se chegar a essa Lagoa bastava subir qualquer um desses rios. Isso era o que os índios de todo o litoral da América do Sul afirmavam, sem exceção.

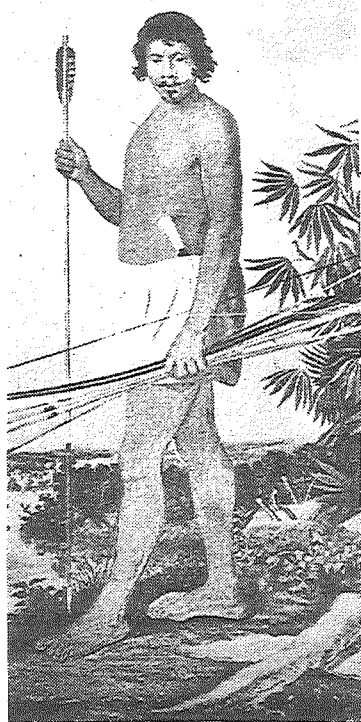
A essa célebre Lagoa, os índios davam diversos nomes, nas regiões em que eles viviam: Lagoa Guata-vita (Lagoa do El Dorado) e Lagoa Manoa na hoje Colômbia; Lagoa Parime, na hoje Venezuela; Lagoa Paititi no hoje Peru; outra no hoje Chile; Lagoa Xaraies, no hoje Paraguai. No Brasil a célebre Lagoa recebia diversos nomes: Lagoa Paraupava na Vila de São Paulo; Lagoa Vupabuçu, Dourada ou Grande nas Capitânicas do Nordeste. Nos mapas portugueses e europeus, além desses nomes a Lagoa recebia também o de Lacus Eupana (uma tradução latina incompleta e corrupta de Lagoa Paraupava).

O "CICLO PARAU-PAVA" No terceiro quartel do século dos Quinhentos (século 16), de todas as Capitânicas do Brasil partiram Bandeiras procurando chegar ao Rio São Francisco e subindo-o, alcançar a célebre Lagoa. Mas todas desistiram logo no início. Somente as Bandeiras da Vila de São Paulo de Piratininga perseveraram nessa busca. Em 1586 o grande sertanista Domingos Luís Grou parte da Vila de

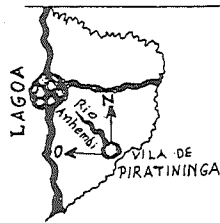


Com os Descobrimentos, os indígenas da América do Sul informavam aos portugueses e espanhóis que no Interior havia uma grande e riquíssima Lagoa; esses povoadores logo começaram a procurá-la. No Brasil a Lagoa recebia diversos nomes: Lagoa Paraupava em S. Paulo; Lagoa Vupabuçu, Grande e Dourada nas capitânicas do Nordeste; e Eupana Lacus nos mapas europeus, incluindo os portugueses. Os índios informavam aos portugueses que os rios Paraguai, São Francisco e Paraupava (hoje Rio Araguaia) nasciam na célebre Lagoa. Por isso, os cartógrafos portugueses e europeus em geral faziam o mapa do Brasil e também da América do Sul, dessa maneira, como mostramos ao lado.

São Paulo chefiando uma Bandeira, chega ao Rio São Francisco de onde volta trazendo em paz, grande número de índios Tupiães e seus primos Tupiniquins. Em início de 1590, quando a Vila de São Paulo contava com pouco mais de mil habitantes, Domingos Luís Grou une-se a Antonio de Macedo (filho de João Ramalho), formam uma Bandeira com quarenta e nove portugueses (nascidos no Brasil e em



Índio Tupi, Albert Eckhout



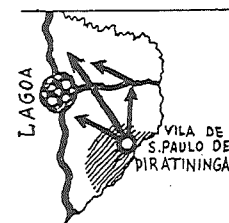
Para ir à riquíssima Lagoa, bastava partir das fozes desses rios, pois subindo-os se chegaria às suas nascentes. O rio inicialmente escolhido por portugueses e espanhóis foi o Rio da Prata, pois por ele ganhava-se o Rio Paraguai. Martim Afonso de Souza em 1530 veio com grande expedição, com esse objetivo. Tentou chegar ao Rio Paraguai através do Rio da Prata e por terra, mas sem sucesso. Então subiu ao planalto e com João Ramalho verificou que o Rio Anhembi (hoje Rio Tietê) seguia exatamente em direção Noroeste, isto é, em rumo à Lagoa Paraupava. Fundou, por isso, a Vila de Piratininga, junto ao Rio Piratininga (hoje Rio Tamanduatei), próxima à confluência desse com o Anhembi.

Portugal) e mais o súdito francês Guilherme Navarro e lançam-se no sertão desconhecido do Interior da América Portuguesa, à procura da Lagoa Paraupava. Ficaram quase quatro anos no Sertão e quando já eram dados como perdidos, surgem no dia 5 de Dezembro de 1593, com a Bandeira destrocada, na Vila de São Paulo. Morreram no vasto Sertão da Lagoa Parupava e Rio Paraupava (hoje Rio Araguaia), os chefes da Bandeira, Domingos Luís Grou e Antonio de Macedo, mais o francês Guilherme Navarro além de muitos outros membros.

A Bandeira de Grou-Macedo foi a grande descobridora do vasto Sertão do Interior do Brasil. Seguindo suas pegadas sucederam-se imediatamente e ininterruptamente Bandeiras em direção ao Sertão do Paraupava, até o ano 1618. Elas destruíram o mito da grande e riquíssima Lagoa Paraupava e forneceram aos cartógrafos em Portugal os elementos para o primeiro mapa científico do Interior do Brasil. Foram pois esses Bandeirantes do "Ciclo Paraupava" (1590-1618) os primeiros e grandes geógrafos do Interior da América Portuguesa.

Embora tivessem esse bandeirantes destruídos o mito da Lagoa Paraupava, ele continuou através do tempo, fixando-se com o nome de Lagoa Dourada, mito ainda hoje vivo tanto entre os índios do Alto Xingu (com o nome de Lagoa Paraupava) como entre os habitantes do Brasil, por exemplo entre a população do Município de Iguape (SP). A cidade riquíssima que os índios informavam aos primeiros povoadores portugueses e espanhóis existir junto à célebre Lagoa, com o tempo, desta se dissociou, passando a constituir um mito independente, o da "Cidade Perdida", que atualmente exploradores e aventureiros tanto brasileiros como hispano-americanos e estrangeiros procuram intensamente nos países da América do Sul. No Brasil, particularmente, no interior da Bahia e nas nascentes do Rio Negro, no Amazonas.

BANDEIRANTES E ÍNDIOS. Desde João Ramalho e Martim Afonso de Sousa sabiam os habitantes da Vila de Piratininga que seria impossível varar os sertões, tratando os indígenas como inimigos. Assim, por exemplo, em 1590 o número de habitantes da Vila de São Paulo



Martin Afonso de Sousa fundou a Vila de Piratininga para que ela fosse uma Escola de Sertanismo, imprimindo-lhe a idéia-força de que à sua gente e às futuras gerações caberia varar os sertões à procura da Lagoa Paraupava. Em 1553 com a fundação do Colégio de Piratininga na Vila de Piratininga pelo Padre Manoel da Nóbrega, a Vila adotou São Paulo como padroeiro e passou a chamar-se Vila de São Paulo de Piratininga (hoje a cidade de São Paulo). Os seus bandeirantes exploraram e dominaram todo o território ao redor da Vila, expandindo-o para o Sul (área riscada no mapa ao lado). Em 1590 a Bandeira de Grou-Macedo inicia a grande penetração do desconhecido Interior do Brasil.

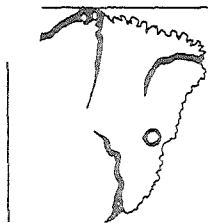
era de pouco mais de mil pessoas (crianças, adultos e velhos de ambos os sexos), sendo que aptos para lutar eram somente cento e cinquenta homens. Ao passo que a população indígena do Brasil era de seis milhões (segundo avaliação dos atuais antropólogos). Assim, a Bandeira de Grou-Macedo (1590-1593) com somente cinquenta homens teria de enfrentar no grande Sertão do Parupava, no mínimo um milhão de índios. Somente por esses números verifica-se que é hoje uma grande ingenuidade e má fé por parte de certos círculos brasileiros, considerar que eram as Bandeiras, "grupos de extermínio dos índios".

Na realidade, foi o gênio universalista do povo português que, na América Portuguesa permitiu tratar os indígenas como seus amigos e compadres, casando-se com as mulheres índias. Assim, ao invés de hostilizar os índios, os bandeirantes e sertanistas tratavam-nos como seus semelhantes, com espírito humanitário. E dessa maneira os conquistaram e conseguiram, com a inteira colaboração deles, conquistar o Interior do Brasil. Mas são necessárias mais considerações sobre

o assunto. Em 1590 e até quase a metade do século seguinte, as armas de combate dos habitantes do Brasil eram somente a besta (também chamada balestra), um arco mecânica europeu, e a espingarda-de-mecha, a primeira arma de fogo manual inventada na Europa e também lá ainda a única existente. Tanto uma como outra eram de difícil manipulação, difíceis de armar, principalmente a espingarda-de-mecha que não podia ser usada sob o vento, sob a chuva e à noite. A besta era uma arma tão comum que os moradores da Vila de São Paulo marcavam distâncias pelo alcance de um tiro de besta. Só os que desconhecem as possibilidades dessas armas é que afirmam terem os bandeirantes dizimado as tribos indígenas que encontravam no seu caminho.

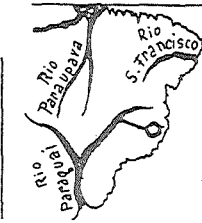
Dessa maneira, aos moradores da Vila de São Paulo e aos seus sertanistas e bandeirantes só restava entrar em contato amistoso com os índios, tratá-los com amizade, com humanidade. Só se compreende isso, se se considerar que uma Bandeira com cinquenta portugueses (nascidos no Brasil e em Portugal) e mais alguns índios atravessava o vasto Sertão do Paraupava, onde viviam milhões de índios e depois de quatro anos voltava à Vila de São Paulo. Não nos esqueçamos de que os bandeirantes procuravam a Lagoa Paraupava (Lagoa Dourada) e só os índios é que sabiam onde ela se encontrava. Se os bandeirantes dependiam dos índios para obter essa informação, não iriam hostilizá-los, evidentemente. Mas, afirma-se também que o objetivo dos bandeirantes era a "caça ao índio", tornando-o seu escravo. Ora, a volta do Rio Paraupava (hoje Rio Araguaia) a São

O 2º descobrimento do Brasil: O interior, pelos Bandeirantes de S. Paulo

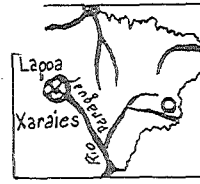


Os bandeirantes do "Ciclo Paraupava" (1590-1618) foram os primeiros e grandes geógrafos do Interior do Brasil, fornecendo aos cartógrafos em Portugal os elementos para os primeiros mapas científicos, que começaram a aparecer a partir de 1627.

Outros cartógrafos ainda continuavam a elaborar mapas do Brasil com a Lagoa Paraupava, como fez Antonio Sanches em 1633. Mas esse mesmo Antonio Sanches, em 1641 fez o primeiro mapa científico e artisticamente belo do Interior do Brasil. E nele pôs a marca dos bandeirantes de São Paulo, dando ao hoje Rio Araguaia até Belém do Pará a denominação Rio Paraupava. E a hoje Ilha do Bananal teria nos mapas seguintes o nome de Ilha Paraupava.



A Bandeira de Grou-Macedo durante quatro anos ficou perdida no Sertão do Paraupava. Seguiram a ela mais de dez Bandeiras até 1618, constituindo o "Ciclo Paraupava". Durante 28 anos essas Bandeiras devassaram, exploraram todo o grande Sertão do Paraupava. E chegaram à conclusão: a Lagoa Paraupava (Vupabuçu, Grande, Eupana e Dourada) não existia. Tratava-se de um mito indígena. Os rios Paraguai, São Francisco e Paraupava (hoje Rio Araguaia) não nasciam em nenhuma lagoa, tendo suas nascentes independentes entre si. Deixaram os sertanistas do "Ciclo Paraupava" roteiros escritos para todas as Bandeiras que se seguiriam.



Os bandeirantes do "Ciclo Paraupava" verificaram que não existia a Lagoa Paraupava. Mas não fizeram o mesmo com a nascente do Rio Paraguai. Por isso, os mapas europeus continuavam mostrando que o Rio Paraguai nascia na Lagoa agora Xaraies. Em 1648 o bandeirante Antonio Raposo Tavares vai à procura da nascente do Rio Paraguai e verifica que a Lagoa Xaraies também não existia. Raposo Tavares desceu os rios Guaporé, Madeira e Amazonas chegando a Belém do Pará em 1651. A Lagoa desapareceu dos mapas. Mas o mito continuaria até hoje como Lagoa Dourada.

Paulo durava sempre, no mínimo cinco meses. Durante esse tempo, os índios como eram escravos não podiam obter sua alimentação, pois para tanto precisariam estar livres, e nesse caso, fugiriam, é claro. Então os tais índios escravos ficariam presos com correntes debaixo das árvores e os sertanistas iriam procurar alimentação para eles e para os índios. O que é um absurdo, pois no sertão a grande dificuldade é obter alimentação, e para isso, cada um a procurava para si, e ainda era pouco. Por outro lado, não nos enganemos com o vocabulário "escravo" que aparece em alguns documentos das Bandeiras. Escravos naquela época tinha o sentido de dependente, de agregado, situação aliás que muito agradava aos índios por pertencerem a uma civilização e cultura superior à deles. Dessa maneira, escravo naquela época era um vocábulo que não tinha o sentido pejorativo que passou a ter

depois. Enfim, os grandes inimigos dos bandeirantes e sertanistas, nos sertões, eram a falta de alimentação, as doenças, os animais peçonhentos, os intempéries, além de outros fatores adversos.

Mas, tudo começaria a mudar a partir de meados do século seguinte (século 17) com a invenção da espingarda-de-pederneira, mas ainda de carregar pela boca e de utilização difícil para uma Bandeira no sertão. Somente com a invenção do cartucho e das armas automáticas no início do século passado (século 19) é que se começou a dizimar os índios, tanto pelos seringueiros como pelos poaieiros. Mas não mais pelos bandeirantes, pois essa instituição não existia mais. E convém lembrar que os ingleses das Treze Colônias da América do Norte somente há exatos 150 anos (em 1843) iniciaram sua marcha para o Oeste ("Trilha do Oregon"), conquistando os seus indígenas a ferro-e-fogo. Não o fizeram

antes porque eram racistas, não se misturando aos indígenas, como fizeram os portugueses (nascidos no Brasil e em Portugal) nos três séculos e meio anteriores.

A Vila de São Paulo, com seu pouco mais de mil habitantes portugueses (nascidos no Brasil e em Portugal) almejava desesperadamente desenvolver-se economicamente, crescer em população, enfim tornar-se cada vez mais uma grande urbe. Só lhe restava trazer índios dos sertões. Por isso, quando as Bandeiras saíam aos sertões com o objetivo de descobrir a riquíssima Lagoa Paraupava (Lagoa Dourada) e não a encontrando e nem ouro em lugar algum, procuravam aliciar os indígenas pela persuasão, pelo convencimento, com bons modos, pela amizade, afim de levá-los para São Paulo. Assim, a Bandeira de André Fernandes, formada de somente 60 elementos, sendo trinta portugueses (nascidos em São Paulo e em Portugal) e

trinta índios, em 1615 voltava para a Vila de São Paulo trazendo 3.000 (três mil) índios Caatinga (Tupi), do hoje bico-do-papagaio ao norte do Estado do Tocantins. Em certo momento, no Rio Paraupava (hoje Rio Araguaia), no dia 25 de Fevereiro de 1615 houve uma desinteligência entre um sertanista e o cacique, resultando em ataque dos índios aos bandeirantes. Mataram os índios quinze sertanistas e regressaram às suas aldeias.

Hoje não podemos compreender aquela sociedade da Vila de São Paulo, onde portugueses (nascidos no Brasil e em Portugal) e índios viviam harmoniosamente, formando famílias de mamelucos. Não compreendemos isso porque a sociedade brasileira está hoje completamente dissociada da população indígena.

□ **Manoel Rodrigues Ferreira** é historiador, engenheiro civil, sertanista, escritor e jornalista



Benício Tavares (PP)

Lei Orgânica orienta cultura no DF

A Cultura é a atividade, desenvolvimento intelectual e saber de uma sociedade, a isto mescla-se todo o complexo dos padrões de comportamento, crenças e valores transmitidos coletivamente. A Câmara Legislativa tem neste contexto o dever de assegurar ao cidadão brasileiro, através de leis e propostas os

caminhos que conduzam e aprimorem a cultura da nossa comunidade. Sem dúvida a casa legislativa tem procurado este objetivo, nestes três anos de existência várias leis foram aprovadas procurando garantir principalmente o acesso à educação, direito básico e fundamental para o cidadão, porém o passo mais

importante e decisivo para o aprimoramento do patrimônio artístico, cultural e histórico do DF foi a Lei Orgânica promulgada no dia 8 de junho de 1993. Faço questão de reforçar esta Lei Maior, que elaborada por todos os legisladores da Câmara Legislativa, lançou os princípios para normatização da atuação

cultural do DF. Ela determinou várias ações objetivando o processo de criação e aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade, foi o ponto primordial para o crescimento da cultura no DF, é em cima do seu texto que acredito que devemos trabalhar e orientar nossas ações para o progresso de nossa cidade.